

Economia-

JORNAL DO BRASIL

05 MAR 1998

Virtual

O Brasil está inaugurando a primeira experiência de economia virtual em todo o mundo. Ou seja: os dados e índices econômicos valem muito mais pela previsão anunciada e pelo noticiário que os cercam do que por aquilo que acontece na realidade. É como se as afirmações otimistas divulgadas se transformassem em realidade no momento exato da publicação. Nos primeiros dias de julho do ano passado explodia a crise na Tailândia. Em seguida, governos e divulgadores decidiram que o Brasil nada tinha a ver com aquilo. Uma releitura das declarações das autoridades e de um sem-número de editoriais e manchetes mostra que todos convergiam para os mesmos clichês.

"As condições do Brasil são completamente diferentes, nada têm a ver com as da Tailândia." Imediata e magicamente o país passou a viver uma sólida situação econômico-financeira. A conjuntura virtual criada e realçada ficou tão parecida com a realidade que, em seguida, foi decidido pelo governo e pelo mercado a redução das taxas de juros. E realmente vergaram por quase todo o segundo semestre. Até que veio a segunda fase da crise na Ásia. Como num passe de mágica, inverteu-se diametralmente tudo o que tinha sido feito. Os juros decrescentes viraram juros delirantes. E as mesmas pessoas que erraram após a crise externa, em julho, baixando os juros açodadamente, passaram a ser heróis virtuais por terem colocado os juros nas nuvens. E o noticiário virtual consagrou o desespero, transformando-o em coragem, rapidez e genialidade.

Mas não ficamos por aí. Declarações do governo, no final do primeiro semestre, anotavam que a economia brasileira estava crescendo a taxas altas que já passavam dos 4%. Dizia-se que o Brasil superaria este patamar em 97. Até o presidente acreditou nisto. É claro que a divulgação se encarregou de dar características definitivas a esta outra conjuntura virtual. Mas, no mesmo momento em que isso ocorria, a economia brasileira já estava desacelerando. No terceiro trimestre, a economia caiu 1,8% em relação ao segundo e, nos últimos doze meses, já apontava para um crescimento de modestos 2,5%. No entanto, a conjuntura virtual continuava favorável. Dizia-se, em outubro, que a economia fecharia 97 crescendo quase 4%. A divulgação mágica criava uma situação econômica favorável, uma confortável conjuntura virtual. Mas neste momento já estávamos no último trimestre do ano, que fechou com uma queda de 5% sobre o segundo trimestre e de 2,8% sobre o terceiro.

Enfim, chegávamos ao mês das festas. As primeiras informações vindas da indústria diziam que as vendas de dezembro iriam despencar. Mas a equipe de produção virtual do país não ficou satisfeita com isto e resolveu criar um Natal Virtual. As imagens mostravam as pessoas comprando à vontade nas ruas e nos shoppings do Rio e de São Paulo. Estoques acabavam, diziam os locutores e *mancheteavam* os redatores, em luxuosos exercícios de computação gráfica. E concluíram de forma entusiástica: não aconteceu nada do que haviam previsto. Realidade criada no próprio ato *declaratório* e transformada em promissora conjuntura virtual por vontade dos declarantes. Dois meses depois, os números fechados nos disseram que as vendas de dezembro, no Rio, despencaram 15% e, em São Paulo, 12% em relação ao Natal anterior.

Mesmo assim, os atletas do virtualismo não se cansavam. Prosseguiram a sua maratona. Mês a mês, durante todo o ano de 97, foram sendo afirmados e divulgados os promissores resultados do déficit público. O Brasil estava conseguindo reverter o quadro das finanças públicas. Vivíamos já com um importante superávit primário. Os governos estaduais estavam colaborando num ano muito ativo de privatizações, que abarrotavam os cofres dos Estados. O déficit nominal, por seu turno, baixaria da fronteira dos 5%. A performance era tão boa que o maestro do planejamento deveria ficar fora de uma reforma ministerial, que se anunciava, virtualmente, para os primeiros dias de 98. Imagens, manchetes e declarações durante todo o ano. E o carnaval trouxe à tona números muito diferentes: Não há superávit primário e o déficit nominal beijou os 6%. Os governadores se comportaram mal. E todos farão outro dever de casa. Espera-se que os editores desta notável economia virtual também o façam.

E-mail: factoides@openlink.com.br